

Representação da fronteira em Ruy Duarte de Carvalho

Representation of the border in Ruy Duarte de Carvalho

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa
hluz@fcsh.unl.pt

Palavras-chave: Angola, Ruy Duarte de Carvalho, produção literária, paisagens, fronteiras, memória.
Keywords: Angola, Ruy Duarte de Carvalho, literary production, landscapes, borders, memory.

Representação da fronteira em Ruy Duarte de Carvalho

Pretendemos, com este artigo, fazer uma breve localização do conceito de fronteira em Ruy Duarte de Carvalho, um autor que num contexto constante de trânsitos, de travessias entre fronteiras, assim como entre géneros literários distintos, transformou a sua produção literária em documento benéfico para os estudiosos da cultura. Autor de referência da língua portuguesa que valorizou as línguas locais angolanas, a produção literária de Ruy Duarte de Carvalho é constituída por poesia, ficção, ensaio, narrativa, crónica e filmografia¹. Na poesia

¹ Na filmografia, Ruy Duarte de Carvalho produziu: (1976) *Uma festa para viver*. 40', p/b 16 mm, TPA, prémio da Solidariedade Afro-Asiática, Taschkent; *Angola 76: é a vez do povo* (série de três documentários), 100', p/b, 16 mm, TPA; *Sacode o pó da batalha*. 40', p/b, TPA; *Está tudo sentado no chão*. 40' p/b, 16 mm, TPA; *Como foi como não foi*. 20', p/b, 16mm, TPA, prémio da Solidariedade Afro-Asiática, Festival de Moscovo; *Faz lá coragem, camarada*, 120', p/b, 16 mm, TPA; e *o deserto e os Mucubais*. 20', p/b, 16 mm, TPA; (1979) *Presente angolano, tempo Mumuila* (série de 10 documentários): *A Huíla e os Mumuilas*. 20', p/b, 16 mm, TPA; *Lua da seca menor*. 60', p/b, 16mm, TPA; *Pedra sozinha não sustém panela*. 40', p/b, 16mm TPA; *Hayndongo: o valor de um homem*. 40', p/b; *Makumukas*. 30', p/b, 16mm, TPA; *O kimbanda kambia*. 40', p/b, cor, 16mm, TPA; *Kimbanda*. 20', cor, 16 mm, TPA *Ekwenge*. 20', p/b, 16mm; *Ondyelwa*. 40', cor, 16mm, TPA; *Ofícios*. 30', p/b, 16mm, TPA. Toda a série foi seleccionada para a *Semana dos Cahiers du Cinéma* (1980), Paris e para o Fórum do Jovem Cinema, Festival de Cinema de Berlim (1981); (1982) *O Balanço do tempo na cena de Angola*. 45', cor, 16mm, IAC – prémio para a melhor média metragem, Festival de Aveiro (1984); *Nelisita*, 70', p/b, 16mm, IAC – prémio especial do júri, Festival de Cartago (1983); prémio Cidade de Amiens (1983); prémio para a melhor realização e prémio da UNESCO; (1986) *Videocarta para o meu irmão Antoninho*. 40', cor, vídeo; e (1989) *Moia: o recado das ilhas*, 90'cor, 35 mm, Madragoa Filmes / Gemini Films.

publicou *Chão de oferta* (1972), prémio Motta Veiga de Poesia, Luanda, Angola, em 1972; *Das decisões da idade* (1976), inicialmente *A decisão da idade*; *Exercícios de crueldade* (1978); *Sinais misteriosos...já se vê...* (1980), menção honrosa, Exposição dos Livros Mais Belos do Mundo, Leipzig, em 1982; *Da lavra alheia I (ondula savana branca...)* (1982); *Lavra paralela* (1987); *Hábito da terra* (1988), prémio Nacional de Literatura, em 1989; *Memória de tanta guerra* (1992); *Ordem de esquecimento* (1997); *Lavra reiterada* (2000); *Da lavra alheia II (Observação directa [2000])*.

Na ficção publicou *Como se o mundo não tivesse leste* (1977 e 2003); *Os papéis do inglês* (2000); *As paisagens propícias* (2005); e *A terceira metade* (2009). Na categoria ensaio, narrativa e crónica publicou: *O camarada e a câmara, cinema e antropologia para além do filme etnográfico* (1980); *Ana a manda: os filhos da rede* (1989); *A câmara, a escrita e a coisa dita: fitas, textos e palestras* (1997); *Aviso à navegação: olhar sucinto e preliminar sobre os pastores Kuvale* (1997); *Vou lá visitar pastores* (1999); *Os Kuvale na história, nas guerras e nas crises* (2002); *Desmedida, Luanda – São Paulo – São Francisco e volta, crónicas do Brasil* (2007), prémio Casino da Póvoa, Póvoa de Varzim (2008).

Tendo nascido em Portugal, em 1941, Ruy Duarte de Carvalho foi para Angola ainda criança e naturalizou-se angolano em 1983. Atribuiu a obra *Luuanda*, do escritor José Luandino Vieira, alguns versos de Viriato da Cruz e de Aires de Almeida Santos, e algumas crónicas de Ernesto Lara Filho, um papel fundamental na aquisição da nacionalidade angolana, como se pode ler na seguinte transcrição: “O livrinho em questão chamava-se *Luuanda* e era da autoria do escritor angolano José Luandino Vieira. Ora a esse livrinho e a alguns versos de Viriato da Cruz e de Aires de Almeida Santos, bem como a algumas crónicas de Ernesto Lara Filho, eu devo o golpe da consciência, pela via do arrepio, de uma alma Angolana que então em mim se veio acrescentar à consciência prévia de uma razão Angolana e foi responsável pela minha conversão à condição de Angolano” (Carvalho, 2008).

Viveu grande parte da sua vida em Moçâmedes, actual Namibe. Tratando-se de uma província localizada no sudoeste de Angola, banhada pelo Oceano Atlântico, o Namibe tem o seu território a sul delimitado por fronteiras que politicamente estabelecem as diferenças entre Angola e Namíbia. Essa fronteira é uma linha que demarca os dois territórios. De oeste para leste, ela é delimitada pelo rio Cunene, na zona do deserto do Namibe, percorrendo o trajecto deste rio até às Quedas do Rucuaná, onde passa uma linha recta segundo um paralelo até encontrar o rio Cubango. Segue o trajecto deste até Macusso, demarcando depois o limite norte da faixa Caprivi até a tríplice fronteira de ambos os países com a Zâmbia.

Refira-se que antes de serem demarcações físicas ou naturais, as fronteiras são, sobretudo, o resultado da capacidade imaginária de delinear a realidade, a partir do qual se qualificam o corpo social, o espaço e o próprio tempo. Yves Lacoste entende que: “Do ponto de vista geopolítico, uma fronteira corresponde à linha ou zona que constitui o limite do território de um Estado ou de um espaço político cujos responsáveis procuram que se estabeleça como um Estado mais ou menos independente” (Lacoste, 1993). Desse modo, a fronteira “é uma realidade linear, bem definida, de separação entre Estados soberanos, que dentro do seu

território exercem o poder. Implicitamente, a fronteira corresponde também a um limite cultural, social ou linguístico, tornando-a, desta forma, uma representação social, económica e política, com uma forte simbologia identitária” (Castro, 2013).

A ideia de fronteira, enquanto significado de limite ou delimitação concreta de um determinado espaço territorial, surgiu “da necessidade dos homens estabelecerem os seus direitos de propriedade. Com o passar dos tempos, esta ideia transferiu-se para os planos político, jurídico e institucional de comunidades mais amplas territorializadas, interpretada como domínio do *totem*, do soberano e do Estado, havendo assim a transposição do direito privado para o direito público das relações interestaduais” (Marchueta, 2002). Através de fronteiras geográficas, mulheres e homens consideram-se como pertencendo politicamente a um espaço nacional único e diferenciado. Ruy Duarte de Carvalho analisa essa complexidade no contexto angolano, como se pode certificar na seguinte transcrição:

Mas aproveito a deixa. Taça de África das Nações? Ou das selecções nacionais dos Estados africanos? Os pressupostos da discussão estão lançados. As selecções nacionais são tidas como expressões das Nações que hão-de corresponder aos Estados donde provêm. Detenhamo-nos porém um pouco nesta relação Estado-Nação. Situemo-nos perante as selecções de Angola e da Namíbia, por exemplo. Elas poderão ambas comportar, não sei se é esse o caso porque não sou aficionado de futebol a esse ponto, mas teoricamente é possível atletas de origem ovambo ou herero, já que há Ovambos e Hereros de um lado e do outro da fronteira comum aos dois Estados. Há uma selecção *nacional* angolana e outra namibiana investidas na disputa da Taça de África das Nações. Não há, de facto, uma selecção ovambo ou uma selecção herero. E no entanto cientificamente, academicamente, se nos ativermos à substância sociológica do conceito da nação, existe indesmentivelmente uma nação ovambo e outra herero. Estamos assim perante uma evidência incontornável, que é a da conversão do conceito de nação à sua operatividade política em detrimento da sua substância sociológica. E é afeiçoado a essa dimensão política que o conceito de nação nos é aqui, sem dúvida, proposto para debate. [...] (Carvalho, 2008)

A vivência nesse espaço fronteiriço entre Angola e Namíbia possibilitou ao Ruy Duarte de Carvalho interpretar esses dois mundos e perceber que há uma continuidade entre eles, visto que em ambos existe os povos ovambos e hereros, povos que vivenciam as mesmas práticas culturais, independentemente das fronteiras. Desse modo, ser da Namíbia não impede esse povo de ser ovambo, da mesma forma que ser ovambo implica também a identidade angolana. Assim, falar desses povos implica um olhar de fronteira, intersticial. Afinal, para Ruy Duarte de Carvalho:

Fronteira, entendida assim, é isso são áreas intersticiais entre sociedades organizadas, abertas à intrusão e à instalação, onde podem acolher-se os que vêm de longe e têm de encontrar lugar, os banidos e os derrotados, os que os desdobramentos grupais, as fomes e as sobrecargas das pastagens empurram para uma *no man's land*, quase sempre ainda assim habilitada por alguma espécie de aborígenes (bosquímanos, quer dizer, mukankalas, no nosso caso). Passa aí então a ter lugar um processo novo de elaboração social que, caso vingue, dará origem a uma nova sociedade. Porque estava também, e convinha-

-lhe não perder a noção disso, afundado no que podia designar, talvez, como uma bolsa étnica, quer dizer, uma daquelas configurações que se encontram ainda por certas partes do mundo e da África e em que os processos de mestiçagem, cultural e genética, não são apenas accionados pela ocidentalização generalizada [...]. Há uma produção sistemática de frontiersmen, de homens de fronteira, dizem estudiosos. E SRO, mulato já de si, resultante colonial, portanto, de processos de fronteira também inscrito agora, em absoluto, na configuração de uma absoluta no man's land, destinado pois ao exercício de uma dinâmica encapsulada de relações, eis que se vê por fim, assim, homem mesmo de fronteira, em condição e glória... (Carvalho, 2005)

Em *Vou lá visitar pastores*, o autor, aludindo às populações herero vindas dos platôs de Huíla, refere que: “Elas acabam desta forma por encostar a terrenos contíguos ao território dos Tyilengue, ocupando uma área que, na terminologia teórica e especulativa das ciências sociais, pode ser entendida como «território de fronteira», fronteira mais sociológica do que política, claro, espaço aberto a expansões, a convergências, a contactos e também, inevitavelmente, a conflitos” (Carvalho, 2015).

Segundo o próprio,

Fronteira, pois, como orla do alcance – por parte de uma dada expressão local (cultura), dentro de uma dada escrita – das expressões literárias dentro de uma língua e da história da sua escrita [...] todas as expressões literárias locais se constituiriam assim como literaturas de fronteira em que a paisagem seria a língua maior, e que aí, uma vez realizadas, se transmudariam em voz [...] poderia talvez mesmo encarar-se a ousadia de entender como literatura de fronteira toda a escrita que pela sua maneira de dizer as coisas, virando fala que passa a ser voz, perturbe a expressão de poder que a língua também é [...] e daria então talvez para entender finalmente que se alguns autores tanto fascina, como por exemplo [Guimarães Rosa] ou Juan Rulfo, é porque foram capazes de convocar, para dizer, para escrever, linguagens locais expressas por figuras que resultam caracterizadas como do mais comum que há entre os homens sem lhes limitar o horizonte do entendimento, sem as condenar a caricaturas de primitividades, de autenticidades ou de regionalidades. (Carvalho, 2008)

Na obra *Desmedida, Luanda – São Paulo – São Francisco e volta, crônicas do Brasil*, o mesmo autor vê o conceito de fronteira: “como espaço para além de territórios, susceptível de ser transitado e ocupado por gente de fora sem entraves de maior por parte de quem, se for esse o caso, possa já lá estar. Sem ter, portanto, nada a ver com fronteira de direito político ou com polícias de fronteira, mas com uma situação que os europeus, por exemplo, encontraram muito em África e na América, precisamente” (Carvalho, 2006). Também considera que: “Espaço de fronteira, ainda hoje, é esse espaço brasileiro que embora perfeitamente definido pela geografia política estabelecida, fixada e sedimentada, escapa, todavia, a um controle efectivo por parte do poder que invoca soberania sobre ele e é susceptível de ser regido ainda ou por sistemas de controle indígena ou por outros implantados depois mas praticamente autónomos [...]” (Carvalho, 2006). Ainda no que se refere ao Brasil, Ruy Duarte de Carvalho considera que: “continua a ser um país de fronteira (ao mesmo tempo que São Paulo é um laboratório de incu-

bação de humanidade a haver), área de penetração territorial ainda em curso da ocidentalidade e da «modernidade civilizacional». Há regiões brasileiras e habitantes delas a viverem os mesmos exactos impactos que a costa experimentou ao tempo dos primeiros desembarques europeus, e o recente referendo que manteve a legitimidade do comércio livre e do uso privado e pessoal de armas não veio senão confirmar a evidência de que a manutenção de uma cultura de fronteira faz parte de uma plena actualidade brasileira” (Carvalho, 2006).

Desse modo, a fronteira em Ruy Duarte de Carvalho também faz parte da representação da experiência e da mobilidade, muito presente na sua vida e na sua produção literária. Essa mobilidade fê-lo transpor a fronteira angolana e espaços internos para retractor o Brasil na dita obra *Desmedida, Luanda – São Paulo – São Francisco e volta, crónicas do Brasil*, onde mostra a sua capacidade de ler paisagens, e de apresentar uma confluência entre o espaço percorrido (Brasil) e o sujeito que o percorre (o autor). Fernanda Santos ao citar Simonet refere que: “Sem deixar de trazer um relato de viagem, a obra rompe a ilusão de familiaridade, pois a própria viagem se revela bastante complexa. A viagem no texto e a viagem do texto sobrepõem e confundem, mantendo entre elas uma relação constante mas sempre ambígua, numa escrita que se configura como o lugar através do qual o sujeito se reúne com os outros seres humanos. A escrita é, assim, um lugar de implicação do sujeito no mundo exterior e vice-versa” (*apud* Santos, 2013).

Note-se, portanto, que a mobilidade, a flexibilidade e a viagem constituem motivos categóricos na organização do enredo das suas obras. Nesse sentido, deparamo-nos, através de uma representatividade material e imaterial, com um modo de estar no mundo angolano, e, em consequência um outro modo de expressão: conhecer, projectar, executar e representar fronteiras. Dessa forma ao citar o historiador Joseph Miller, Ruy Duarte de Carvalho refere que os pastores do sudoeste angolano são “pequenas e distintas comunidades encravadas nos vales de algumas torrentes que descem das montanhas e que aí combinam, para se manter, a pastorícia e as culturas que a aridez e as areias lhes permitem praticar” (*apud* Carvalho, 2015).

É esse conhecimento dos pastores que lhe permitiu aludir que há quem os refira de: “loucos por melancia, roubam-nas ainda verde e quando chega o tempo dela vêm invocar que os terrenos eram seus. [...] Ora os pastores são unanimemente acusados de independentes, pouco controláveis, pouco dóceis, pouco respeitadores das autoridades, turbulentos, bandidos, preguiçosos, avessos tanto aos trabalhos agrícolas como ao trabalho assalariado e público, rebeldes à escolarização, vítimas de arcaísmo cultural, de estagnação e de imobilismo, e, sobretudo, estão sempre prontos para roubar gados” (Carvalho, 2015). Essa actualização própria das literaturas e do autor em evidência verte com palavras, gestos, imagens reflectivas às suas experiências de um viajante cuidadoso, portanto, um olhar em paisagens literárias. Essa paisagem apresenta-se como sendo uma ferramenta transversal de transculturação que pode aproximar olhares, mundos e países distintos. Para Marta Lança,

A vida inteira viajante, Ruy Duarte cultivava da viagem o arrebatamento e emoção, atravessando, *gerindo*, procurando as proximidades e diferenças. As viagens eram, mais do que inspiradoras, necessárias para a pulsação e tempera-

tura da escrita, pois “só sabemos o que lá vamos buscar e encontrar ao ir. Eram viagens não celebratórias da mobilidade, tal como existe impressa nos tempos que correm, em que de Nova Iorque a Pequim, passando por Cabo Verde mastigamos o globo indiferenciadamente. Nem de ilustração de teses ou, na pior das hipóteses, fundamentalismos”. Para o Ruy, a mobilidade predispunha-se ao acontecimento, à alegria da experiência e até ao contágio da expressão (em *Desmedida* sente-se a fala começar a abasileirar-se, numa simbiose formosa com a coloquialidade angolana e a formalidade portuguesa). (Lança, 2010)

A sua formação de antropólogo contribuiu para a consolidação desse olhar, num momento em que já possuía “alma angolana”. A profissão de antropólogo colocou-lhe, portanto, segundo o próprio, “a lidar com um terreno em que diferentes sistemas de percepção, interpretação, resolução e representação do mundo, da vida, se implicam, articulam e compõem” (Carvalho, 2008). O trabalho com a fronteira é observável por intermédio de uma técnica de representação material arquivístico e dinâmico, no qual se pode reinscrever vestígios de memória e de espaços colectivos, visto que dadas as condições fenotípicas e de origem, segundo Ruy Duarte de Carvalho, “tem feito sempre parte da minha experiência existencial e pessoal dentro do próprio contexto, africano e angolano, em que venho exercendo a vida e ofício. Isso me tem levado, para poder ver se consigo entender o mundo e entender-me nele e com ele, a identificar e a reconhecer uma multiplicidade de outros” (Carvalho, 2011). Encontramos, pois, na sua escrita a afirmação nacional angolana, através da temática da terra, por meio do qual evidencia peculiaridades locais, mais concretamente de pastores do sudoeste de Angola. Segundo o autor em apreço:

Ali, porém, entre os pastores do Sudoeste de Angola, o presente vivido envolve sistemas que a perspectiva modernista e evolucionista entende como dos mais “arcaicos”. E o observador, a par das estruturas que identifica, e das conjunturas que reconhece e faz intervir na percepção e análise, se quer de facto descortinar a presença e a interacção de todas as lógicas locais, vê-se constantemente obrigado a encarar processos que convocam por assim dizer, diferentes temporalidades, e às vezes discordantes, dentro de um mesmo território, quer dizer lógicas de equilíbrio económico, e de toda ordem, que se articulam às lógicas do crescimento obrigatório que caracterizam as dinâmicas do sistema global de capital e de mercado. (Carvalho, 2008)

Ele percebia a necessidade que se lhe ia impondo “a do estudo dessas populações numa perspectiva de longa duração, capaz de inscrever tanta descontinuidade temporal no concerto de um presente em movimento” (Carvalho, 2008). Essa consciência repercutiu na sua escrita, conforme elucida: “quando cedi à tentação da ficção antes de ter passado pela antropologia, em *Como se o mundo não tivesse leste* – por ter entendido já nessa altura que tinha coisas que gostaria de dizer, de escrever, que pela via da poesia, da minha maneira de fazer poesia, não ia dar – fi-lo deixando-me conduzir, consciente ou inconscientemente, não importa agora, mais pela frequência da poesia – [...] a antropologia, entretanto veio não só garantir-me a hipótese de ter acesso ao que poderia passar-se na cabeça e no coração das personagens determinadas – em termos de cultura [...]” (Carvalho, 2008).

Na já citada obra *Vou lá visitar pastores*, o supracitado autor faz referência aos contactos transfronteiriços dos Kuvale aludindo que: “De qualquer forma os contactos transfronteiriços intensificados nessa altura terão levado muitos Kuvale a cruzar a fronteira na qualidade de agentes envolvidos em processos de circulação de gado e de mercadoria accionados por elementos da swapo [Southwest Africa Peoples Organisation, movimento de libertação da Namíbia] que para isso os preferiram aos Himba, tidos sempre como eventuais espiões prontos a delatar às forças sul-africanas as movimentações rebeldes em território angolano” (Carvalho, 2015).

Em *A terceira metade*, referindo a personagem Trindade, que sendo mucuíso, abaixo, portanto, da condição de gente para os bantos e para os brancos viu-se obrigado a misturar-se com a massa dos povos da cidade e virar Kimbar², o que o fez ser “produto de um território de fronteira como era o daquela faixa desértica e semidesértica toda das costa sudoeste da colónia de Angola” (Carvalho, 2009). Essa região era sujeita a reduzidas precipitações pluviométricas anuais e às vezes a verdadeiras crises de seca, com anos seguidos de total ausência de chuvas.

É de salientar que os kuvale “constituem uma sociedade pastoril accionada por instituições comuns a muitas outras sociedades pastoris africanas, dispostas a sul e a sudeste das nossas, depois largamente a leste e pela costa oriental acima até às Etiópias, daí pelas bordaduras do Sahara até à costa ocidental do Senegal e interiores adjacentes e vastos que implicam um grande número de países modernos onde circulam os Peul, com os seus zebuínos de pelagem encarnada e grandes e lindos cornos projectados para trás, em forna de lira” (Carvalho, 2015). O supracitado autor oferece-nos uma produção, que pode ser vista como uma poética do espaço ou mesmo de fronteira, tendo a região semidesértica do sul de Angola como tema, conforme referimos anteriormente.

Ana Mafalda Leite considera que: “Convoca-nos na actividade poética de Ruy Duarte um certo grau de experimentalismo, de errância técnico-compositiva, de improvisação de novas formas e, ao mesmo tempo, inserida nesta aparente e muito rigorosa divagação, a permanência obsessiva de algumas procuras temáticas, a insistência em retomar de livros anteriores partes de versos, frases, palavras, como que em busca de sentido. Ou como se parte do que foi sendo escrito permanecesse obscuro, teimasse em regressar à luz da página como citação, memória esquecida, que apenas a reinscrição activasse” (Leite, 1988).

Compartilhando dessa opinião, Laura Padilha também delineia importantes considerações sobre o modo de actuação de Ruy de Duarte de Carvalho, tendo como objecto de estudo os livros *Ondula, savana branca* (1982) e *Hábito da terra* (1988). Ela identifica a utilização de manifestações da memória angolana, referindo que: “alguns mitos que, passando por um processo de reconversão, transmudam velhos saberes em novas formas. Formas que têm a ver com a língua e multiplicidade. Saberes que, ficando na África ou atravessando oceanos, se fize-

² Os kimbares eram descendentes de escravos e de servos libertos “que o governo dos brancos tinha entregue em meados do século anterior a portugueses vindos do Brasil para poderem pôr a funcionar, nos vales daqueles rios de enxurrada, uma agricultura que depois falhou e veio afinal a reencaminhar quase todas as energias, e os interesses e os capitais, para as indústrias do peixe de onde acabou por advir riqueza para aquela costa deserta e já austral” (Carvalho, 2009).

ram o sal do alimento que manteve o negro-africano culturalmente vivo, quando silenciado em sua própria terra ou espalhado pelo mundo, lutava para não deixar morrer o que nele era identidade e diferença” (Padilha, 1997).

As opiniões apresentadas, com as quais concordamos, acentuam o nosso interesse pela obra de Ruy Duarte de Carvalho, principalmente o livro *Hábito da terra*, o que explica a atenção que lhe demos para este artigo, sobretudo a segunda parte, “Provérbios e citações”, onde se encontram os textos derivados de enunciados africanos. Esse poemário foi aberto com o autor referindo que: “Atento, desde sempre, às falas do lugar, nada sei dos sinais se os não confirmo no encontro da memória com a matriz, quando a carência impõe esforços de equilíbrio não entre o corpo e as formas que o sustêm mas entre as margens de uma paragem breve. Registro acasos que desmentem datas e só as não confundem porque é mesmo assim: regularmente e a confirmar a história” (Carvalho, 2005).

Compreende três textos de origem Kwanyama (subgrupo do povo ovambo que fala a língua cuanhama, língua nígero-congolesa falada por cerca de 420 mil pessoas em Angola e 715 mil pessoas na Namíbia) e dois de origem Nyaneka (povos que habitam a região semidesértica do Sul de Angola). Desses textos, destacamos o primeiro dos Nyaneka que apresenta a expressão local “Olawelu lwan-gwangala p’ongalu” (A oleira pôs o coração na argila) (Carvalho, 2005), sugerindo a fase inicial da escrita e a primeira intervenção que passa da tradição oral para à documentação escrita, decorrente do contacto entre angolanos e portugueses.

Referências bibliográficas

- Amante, M. F. (2007). *Fronteira e identidade: construção e representação identitárias na raia luso-espanhola*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa/Instituto Superior de Ciências Sociais.
- Archer, M. (S.d). *Brasil: fronteira da África*. São Paulo: Editora Elman.
- Cardoso, C. F. O. (2015). A poesia de Ruy Duarte de Carvalho para além da fronteira. *Via Atlântica*, 27, 57-73. Recuperado de URL. Doi: www.google.pt
- Carvalho, R. D. (1997). *A Câmara, a escrita e a coisa dita... fitas, textos e palestras*. Luanda: INALD.
- Carvalho, R. D. (1999). *Vou lá visitar pastores*. Lisboa: Cotovia.
- Carvalho, R. D. (2000). *Os papéis do inglês*. Lisboa: Cotovia.
- Carvalho, R. D. (2005). *As paisagens propícias*. Lisboa: Cotovia.
- Carvalho, R. D. (2008). *A câmara, a escrita e a coisa dita...* Lisboa: Livros Cotovia.
- Carvalho, R. D. (2009). *A terceira metade*. Lisboa: Cotovia.
- Carvalho, R. D. (2010). *Desmedida- Luanda – São Paulo – São Francisco e volta – crónicas do Brasil*. Rio de Janeiro: Língua Geral.
- Carvalho, R. D. (2011). *O que não ficou por dizer*. Organização e edição de Nuno Vidal. Lisboa: Associação Cultural Chã de Carnide.
- Castro, M. (2013). *A fronteira Portugal/Espanha, 18 anos depois de Schengen. O caso de Portalegre/Elvas – Valência de Alcântara/Badajoz* (Tese de Doutoramento). Universidade de Lisboa.
- Kymlica, W. (2006). *Fronteras territoriales: una perspectiva liberal igualitarista*. Madrid: Trotta.
- Lacoste, Y. (1993). *Dictionnaire de géographie*. Paris: Flammarion.
- Lança, M. (2010). A viagem em Ruy Duarte de Carvalho. *Via Atlântica*, 17, 21-27. Recuperado de URL. Doi: www.google.pt
- Leite, A. M. (1995). *Modalização épica nas literaturas africanas*. Lisboa: Veja.
- Marchueta, M. R. (2002). *O conceito de fronteira na época da mundialização*: Edições Cosmos.
- Miceli, S. (2011). *Contar para vivê-lo, viver para cumpri-lo: autocolocação e construção do livro na triologia ficcional de Ruy Duarte de Carvalho* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Padilha, L. C. (1997). Reconversões. *Via Atlântica*, 1. Recuperado de URL. Doi: www.google.pt

Santos, F. (2013). Travessias e fronteiras: o olhar do viajante em Desmedida, Luanda, São Francisco e volta. *Congresso Internacional de Linguagens em Interação: múltiplos olhares*. Recuperado de URL. Doi: www.google.pt

Resumo

Num contexto constante de circulações, de passagens entre fronteiras, bem como entre géneros literários diferenciados, Ruy Duarte de Carvalho metamorfoseia a produção discursiva em documento vantajoso para os estudiosos da cultura. Nele encontramos, através de uma representatividade concreta uma forma de estar no mundo angolano, e, em inferência um outro modo de expressar, conhecer, projectar, executar e representar fronteiras. Esse processo particular da literatura e do respectivo autor em questão exprime com vocábulos, gestos, reflexos às suas experiências de um homem *viator* atento, portanto um olhar em paisagens literárias. Essa paisagem apresenta-se como um instrumento oblíquo de transculturação que pode encurtar olhares, mundos e fronteiras. O trabalho com a realidade é visível através de um sistema de representação material arquivístico e dinâmico, no qual se pode reinscrever vestígios de memória e de espaços colectivos. Esse procedimento memorio-discursivo é uma forma de reapropriar lugares, organizar sentidos, discursos em tempos pretéritos, e uma forma de representar a paisagem e o espaço do sul de Angola.

Abstract

In a context of constant traffic, of crossing borders as well as different literary genres, Ruy Duarte de Carvalho metamorphoses his discursive production in a valuable document for scholars of culture. In his work, we find a concrete representation of a way of being in the Angolan world and, therefore, another way of expressing, knowing, projecting, defining and representing borders. The particular process of this literature and of the author in question shows with words, gestures and reflections the experiences of this attentive traveller and, therefore, a gaze upon literary landscapes. That landscape is presented as an oblique instrument of transculturation capable of shortening gazes, worlds and borders. Work with reality is perceivable through a system of material and archival-dynamic representation, within which traces of memory and of collective spaces may be reinscribed. That memory-discursive procedure is a way of reappropriating places, organising senses, discourses in past times, as well as a way of representing the landscape and space of southern Angola.